

A geopolítica do futebol

Por Pascal Boniface

No futebol a derrota nunca é definitiva, mas é sempre apaixonada. Para os amantes do futebol, a FIFA (órgão regulador do futebol internacional) deveria ter recebido o Prêmio Nobel há muito tempo. Para outros, exasperados pelo futebol e pela emoção que suscita, o esporte não é mais um jogo, e sim uma espécie de guerra que alimenta os mais reles tipos de emoções nacionalistas.

Existe uma relação entre futebol (e os esportes em geral) e um espírito de nacionalismo e militarismo? Durante a Idade Média, os esportes eram regularmente proibidos na Inglaterra por que aconteciam às custas do treinamento militar. Depois da derrota da França para a Alemanha de Bismarck na guerra Franco-Prussiana, o barão Pierre de Coubertin (que reiniciou os Jogos Olímpicos algumas décadas mais tarde) recomendou uma ênfase nacional renovada no esporte, que àquela altura já era visto como uma espécie de preparação para a guerra.

Num jogo de futebol, os rituais - o tremular das bandeiras, os hinos nacionais, os cantos coletivos - e a linguagem empregada (o jogo começa com um "início de hostilidades", "bombardeia-se o gol", destrói-se a defesa, lançam-se "mísseis") reforçam a percepção de guerra por outros meios. E, na verdade, uma guerra real já irrompeu por causa do futebol. Em 1969, Honduras e Salvador entraram em conflito depois de um jogo classificatório para a Copa do Mundo.

O futebol oferece um território de confronto que permite a manifestação controlada da animosidade, deixando áreas de interação entre países intactas

Os jogos de futebol podem, aparentemente, reavivar rivalidades nacionais e evocar os fantasmas de guerras passadas. Durante a final da Copa das Nações da Ásia, que opôs a China ao Japão, os torcedores chineses vestiam uniformes militares japoneses ao estilo da década de 1930 para manifestar a sua hostilidade ao time japonês. Outros fãs chineses empunhavam cartazes com o número "300.000" escrito neles, numa referência ao número de chineses assassinados pelo exército japonês em 1937.

Mas será que podemos afirmar que o futebol é responsável pelas relações diplomáticas ruins existentes atualmente entre China e Japão? É claro que não.

A hostilidade no campo de futebol meramente reflete o estado de tensões reinante entre os dois países, que carregam o fardo de uma história dolorosa.

No lado oposto do espectro, a semifinal dramática entre França e Alemanha na Sevilha, em 1982, não gerou qualquer conflito político, quer nas relações diplomáticas entre os dois países quer nas relações entre os dois povos. O antagonismo ficou confinado ao estádio, e terminou com o fim do jogo.

O que o futebol realmente oferece é uma área residual de confronto que permite a manifestação controlada da animosidade, deixando as áreas de interação mais importantes entre os países intactas. França e Alemanha terão em breve um exército comum - eles já têm

uma moeda comum - porém a sobrevivência de times nacionais canaliza, dentro de uma estrutura estritamente limitada, uma rivalidade remanescente entre os dois países.

O futebol também pode ser a oportunidade para gestos positivos. A organização conjunta da Copa do Mundo de 2002, pelo Japão e a Coreia do Sul ajudou a acelerar a reconciliação bilateral. A atuação dos jogadores sul-coreanos chegou a ser aplaudida na Coreia do Norte. O esporte, de fato, parece ser o melhor barômetro das relações entre o dividido povo coreano.

Além disso, o futebol, mais do que longos discursos ou resoluções internacionais, pode ajudar a induzir progressos para alcançar soluções pacíficas em conflitos militares. Após a sua classificação para a Copa do Mundo deste ano, a seleção nacional da Costa do Marfim, que incluiu jogadores do Norte e do Sul, dirigiu-se a todos os seus compatriotas, pedindo às facções combatentes que depusessem as suas armas e que pusessem um fim ao conflito que dilacerou o seu país. Após a deposição do presidente do Haiti Jean-Bertrand Aristide, há alguns anos, a seleção de futebol do Brasil atuou como uma embaixadora para as forças de manutenção da paz das Nações Unidas lideradas pelo Brasil. Assim, quando cessam os conflitos, de Kosovo a Cabul, o futebol representa o primeiro sinal de que a sociedade está retornando ao normal.

O ex-presidente da Fifa, João Havelange, costumava sonhar com um jogo de futebol entre israelenses e palestinos: o vice-presidente dos Estados Unidos, Al Gore, considerava que um jogo assim seria capaz de ajudar Washington a solucionar o conflito palestino-israelense. Talvez um dia ele aconteça. Certamente o jogo de futebol Irã-Estados Unidos de 1998 proporcionou um momento de fraternidade entre os dois times.

Isso acontece por que o futebol permite confrontos simbolicamente limitados, sem qualquer risco político, que são proveitosos. Seu impacto sobre a opinião pública nacional e internacional é extenso, mas não profundo. Nas palavras do sociólogo Norbert Elias, "os espectadores de uma partida de futebol podem desfrutar o arrebatamento mítico de batalhas sendo travadas no estádio, e eles sabem que nenhum jogador e nem eles sofrerão qualquer ofensa".

Assim como na vida real, os fãs podem ficar divididos entre as esperanças de vitória e o medo da derrota. Mas no futebol a eliminação de um adversário é sempre temporária. Um jogo de volta sempre é possível. Como francês, mal posso esperar pelo próximo jogo entre França e Alemanha. Mas eu quero que a França vingue a sua derrota na última copa do mundo em Sevilha, não a sua derrota em Verdun.

Pascal Boniface é diretor do Instituto de Relações Estratégicas e Internacionais em Paris. Seu livro mais recente é "Football et Mondialization" (Futebol e Globalização). © Project Syndicate 2006. www.project-syndicate.org (Valor Econômico, 09.06.2006)

Como invejamos a Copa do Mundo

Kofi Annan

VOCÊ PODE ESTAR se perguntando por que o secretário-geral das Nações Unidas está escrevendo sobre futebol. Mas a Copa do Mundo faz com que nós, nas Nações Unidas, morramos de inveja. Como o único jogo realmente global, praticado em todos os países, por todas as raças e religiões, é um dos poucos fenômenos tão universais quanto as Nações Unidas. Podemos até dizer que é ainda mais universal. A Fifa tem 207 membros. Nós temos 191.

Na Copa do Mundo, os países participam em termos equitativos. Duas qualidades importam nesse jogo: talento e trabalho em equipe

Mas existem outros motivos de inveja. Primeiro, a Copa do Mundo é um evento no qual todos conhecem seus times e o que eles fizeram pra chegar até lá. Todo mundo sabe quem fez um gol e como e quando ele foi feito, conhece quem perdeu a oportunidade de fazê-lo e lembra quem conseguiu evitar um gol de pênalti.

Gostaria que tivéssemos mais competições desse tipo na família das nações. Países competindo pela melhor posição na escala de respeito aos direitos humanos, um tentando superar o outro nas taxas de sobrevivência infantil ou de ingresso no ensino médio. Estados fazendo performances para o mundo todo assistir. Governos sendo parabenizados pelas ações que levaram àquele resultado.

Segundo, a Copa do Mundo é um evento sobre o qual todo o planeta adora conversar. Discutir sobre o que seu time fez de certo e o que podia ter sido feito diferente, sem mencionar o que o time adversário fez ou deixou de fazer. Pessoas sentadas em cafés em qualquer lugar, de Buenos Aires a Pequim, debatem intensamente os melhores momentos dos jogos, revelam um profundo conhecimento não só dos seus times, mas dos de outros países e falam no assunto tanto com clareza quanto com paixão.

Normalmente, adolescentes calados tornam-se, de repente, eloqüentes, confiantes e incríveis especialistas em análise. Eu gostaria que tivéssemos mais desse tipo de conversa mundo afora. Cidadãos engajados na discussão de como seu país poderia ter melhores desempenhos no Índice de Desenvolvimento Humano, na redução de emissões de carbono ou de novas infecções de HIV.

Terceiro, a Copa do Mundo é um evento que acontece num campo igualitário, onde todos os países têm a chance de participar em termos equitativos. Somente duas qualidades importam nesse jogo: talento e trabalho em equipe. Eu gostaria que tivéssemos mais dessa homogeneidade na arena global. Negociações livres e justas, sem a interferência de subsídios, barreiras ou tarifas. Todos os países tendo chances reais de desenvolver seus pontos fortes no palco mundial.

Quarto, a Copa do Mundo é um evento que ilustra bem os benefícios da interação entre pessoas e países.

Cada vez mais seleções nacionais contratam técnicos de outros países, que trazem novas formas de se pensar e jogar. O mesmo vale para os jogadores das mais diversas nacionalidades que, entre as Copas do Mundo, representam clubes em países distantes dos seus. Eles trazem novos atributos para seus novos times, crescem com a experiência e são capazes de contribuir ainda mais para seu país quando a ele retornam.

Na Copa do Mundo, os países participam em termos equitativos. Duas qualidades importam nesse jogo: talento e trabalho em equipe

No processo, eles muitas vezes se tornam heróis nos países estrangeiros, ajudando a abrir corações e mentes fechadas. Eu gostaria que fosse igualmente simples para todos enxergarem que a migração humana em geral pode criar ganhos triplos para migrantes, para seus países de origem e para as sociedades que os recebem.

Esses migrantes não só constroem uma vida melhor para si mesmos e para suas famílias, mas também são agentes de desenvolvimento econômico, social e cultural nos países em que vão trabalhar e em seus Estados nativos. Quando retornam, inspiram os que ficaram com suas novas idéias e seus novos conhecimentos.

Para qualquer país, jogar na Copa do Mundo é uma questão de profundo orgulho nacional. Para países classificados pela primeira vez, como Gana, onde nasci, é uma questão de honra. Para aqueles que estão participando após anos de dificuldades, como Angola, promove uma renovação do espírito nacional. E para aqueles que estão divididos por conflitos, como a Costa do Marfim -cujo time na Copa é um único e poderoso símbolo de unidade nacional- inspira a esperança no renascimento nacional. Mas talvez o que nós mais invejamos na ONU é que a Copa do Mundo é um evento no qual vemos realmente os gols serem alcançados. E não estou falando somente dos gols que um país marca. Também estou me referindo ao gol mais importante de todos: estar representado lá, fazendo parte da família das nações e celebrando a humanidade comum a todos.

Vou tentar lembrar disso quando Gana jogar contra a Itália no dia 12 de junho. Mas claro, não posso prometer que vou ter sucesso.

KOFI ANNAN , 68, economista ganês, é secretário-geral da ONU (Organização das Nações Unidas) (Folha de S. Paulo, 09.06.2006)

CUT apóia reeleição de Lula

Por maioria de votos, os cerca de 2.300 delegados presentes ao 9º Congresso da CUT (Concut) aprovaram ontem apoio à reeleição do presidente Lula. 'É o reconhecimento dos trabalhadores que Lula representa um avanço para a classe operária', definiu o presidente do Sindicato José Lopez Feijóo. Delegados nacionais e convidados internacionais no congresso compartilham da mesma opinião. O evento termina amanhã.

Por ampla maioria, os cerca de 2.300 delegados no Congresso Nacional da CUT aprovaram ontem à tarde total apoio à candidatura e reeleição do presidente Lula.

'Foi o reconhecimento, pelos trabalhadores aqui presentes, que o governo Lula tem representado um avanço para a classe trabalhadora', disse o presidente do Sindicato, José Lopez Feijóo.



Ele comentou que o governo Lula tem de continuar, pois ele significa mais igualdade social. 'Com o governo Lula, os trabalhadores avançaram nas conquistas. Enquanto Lula ouve os trabalhadores, os governos neo-liberais nem recebem a CUT para saber quais suas reivindicações e propostas', comentou ele.

Feijóo disse que a decisão terá bastante peso político, já que a CUT conta com mais de 3.500 entidades filiadas, que representam 22 milhões de trabalhadores.

Reeleição é fundamental - A decisão de apoiar a reeleição foi aplaudida por Dora Loiola, da direção executiva da CUT da Bahia. Ela disse que garantir a reeleição de Lula é fundamental para os trabalhadores. E deu um exemplo: 'A região metropolitana de Salvador era a campeã de desempregos no Nordeste e agora é uma das que mais se desenvolve no País', disse ela.

Dora disse que o governo federal faz pesados investimentos em todas as áreas. 'Só o programa Bolsa Família atende a 1,7 milhão de pessoas no meu estado', comentou Dora.

Menos fome - Essa é a mesma opinião de Bartolomeu Manuel de Souza, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Floresta, Pernambuco. 'O governo Lula é importante para a população. Os programas sociais reduziram a fome em Pernambuco e deram o direito das crianças e jovens irem à escola', contou ele.

Para o segundo mandato de Lula, Souza reivindica avanços na reforma agrária.

Também João Marcelino das Rosas, do sindicato gaúcho da alimentação, quer um segundo governo Lula. 'Aumentaram as carteiras assinadas, o Bolsa Família atende milhões de pessoas e tem mais pobres estudando nas universidades', enumerou ele.

Marcelino pede avanços na reforma sindical. 'Precisamos garantir nossa organização no local de trabalho', disse.

'Vamos lutar juntos contra o neoliberalismo'

'É importante para nós que Lula tenha um segundo mandato', disse o uruguaio Fernando Berasain, secretário da Coordenação de Sindicatos do Cone Sul.

Ele disse que Lula, como presidente, investe na integração dos países do Mercosul, o que acaba sendo muito bom para países pequenos como o Uruguai.

Juan José Gorriti, da Confederação Geral dos Trabalhadores do Peru, afirmou que o governo Lula fortalece a luta contra o neoliberalismo.

Gorriti lembrou que em seu país, em 1992, a ditadura do governo Fujimori implantou o neoliberalismo, que flexibilizou a legislação trabalhista e precarizou o emprego. Hoje, 80 % dos trabalhadores estão na informalidade ou em serviços precários. 'A única forma de enfrentarmos o neoliberalismo é lutarmos juntos', concluiu.

Para Fulvio Fammoni, secretário da Confederação Geral Italiana dos Trabalhadores, a vitória de Lula é decisiva para a consolidação do processo de democratização dos países sul-americanos.

O dirigente recorda que, depois da vitória de Lula, foram eleitos governos populares na Argentina, Uruguai, Chile, Bolívia e Venezuela. 'O Brasil é fundamental para a continuidade desse processo', comentou. (Tribuna Metalúrgica (Sindicato dos Metalúrgicos do ABC/SP)

Montadoras vão parar pela Seleção

Lana Pinheiro
Do Diário do Grande ABC

Durante os jogos do Brasil na Copa do Mundo, as linhas de produção de veículos nas fábricas do Grande ABC vão parar. Mas dessa vez não é greve, protesto ou manifestação, mas sim estratégia das montadoras para permitir que os trabalhadores torçam pelo Brasil e pelo hexacampeonato. Exceção é a Volkswagen que trabalhará normalmente, por falta de acordo com o sindicato.

Na General Motors e Ford – única montadora a patrocinar a transmissão do campeonato na TV – os funcionários serão dispensados às 13h30 e 13h40, respectivamente, mas quem quiser assistir aos jogos na empresa com os colegas de trabalho terão telões à disposição. O período não trabalhado será descontado do banco de horas. Se tudo correr bem, e o Brasil se classificar para a próxima fase com jogos às 12h, novo esquema será montado na GM, enquanto na Ford o telão será a opção oferecida para quem quiser ver as partidas.

Na DaimlerChrysler o expediente também será encerrado mais cedo para que todos possam torcer onde preferirem. Depois de terminada a Copa, esquema de compensação será definido em comum acordo com os trabalhadores, segundo departamento de comunicação da DC. Destoando de seus concorrentes, na Volkswagen o trabalho não será interrompido. Segundo informações oficiais da montadora, durante três meses foram discutidos acordos para o período. Na última assembleia, os funcionários não aprovaram proposta da empresa de folgar no dia de jogos, em troca de compensação aos sábados sem pagamento de adicional.

Segundo o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, os funcionários da VW queriam a liberação algumas horas antes da partida e o débito do período não trabalhado do banco de horas, proposta que foi negada pela companhia.

Para a psicóloga Carla Veríssimo, a Copa do Mundo é um excelente momento para trabalhar a motivação do grupo. "Impedir os trabalhadores de curtir esse momento pode reverter em insatisfação e prejudicar o ambiente de trabalho. Liberar o pessoal é um bom caminho e dar a opção de todos assistirem aos jogos juntos pode contribuir em muito para integração da empresa". Equipe integrada e motivada, explica a psicóloga, reverte em ganho de produtividade para a própria companhia.

Autopeças – Algumas fabricantes de peças e componentes dão exemplo de como aproveitar a oportunidade. Valeo e Saint-Gobain Sekurit vão promover verdadeiras festas durante os jogos com distribuição de refrigerantes, pipocas e cornetas para os funcionários que optarem ver aos jogos nas fábricas.

Para quem preferir ir embora, a Saint-Gobain Sekurit montou esquema especial. Para os funcionários administrativos, em dias que os jogos forem às 16h, o horário de saída será antecipado de 17h para as 15h30. Já os funcionários do segundo turno (14h às 22h) vão interromper o trabalho das 16h às 18h. Nos dias partidas ao meio dia, os funcionários também estão dispensados para assistirem aos jogos, mas depois da partida o trabalho continua normalmente. A compensação é acertada posteriormente.

Na Valeo Cibié Service, divisão do Grupo Valeo encarregada da distribuição de peças para o mercado de reposição, o trabalho não pode parar. Por isso, a empresa optou por distribuir aparelhos de televisão em diversos pontos da fábrica para que os funcionários torçam juntos pela conquista da taça. (*Diário do Grande ABC*, 09.06.2006)

CNM Internacional é o boletim informativo da Confederação
Nacional dos Metalúrgicos – CNM-CUT

Secretário Geral da CNM : Fernando Lopes
<http://www.cnmcut.org.br>